

Husein faz duro diagnóstico

O vice-presidente do Banco Mundial para América-Latina e Caribe, Shahid Husain, fez um duro diagnóstico da economia e do governo brasileiro durante seu pronunciamento no seminário sobre "dívida externa, soluções práticas", no Banco Central. Segundo ele, uma economia "pontuada por substanciais regulamentações, favores discriminatórios concedidos pelo governo, além de concessão de subsídios que interessam apenas a grupos particulares, tem levado o país a pagar um custo muito alto para seu crescimento e desenvolvimento".

As críticas de Husain não pararam aí. Ele disparou também contra as empresas estatais "que não estão sujeitas a um critério de eficiência e consomem muito dos já escassos recursos do país. Os governos estaduais que pediram emprestado aos bancos estaduais, agora controlados pelo Banco Central, também aumentaram a dívida governamental, dificultando o combate à inflação". Para Husain, "tem havido, no Brasil, um mal uso dos recursos maior do que se justificaria."

Husain alertou que, como os recursos externos disponíveis são poucos para atender a todos os países em desenvolvimento, os países credores estão cada vez menos dispostos a emprestar recursos para países ineficientes e,



Shahid Husain

por essa razão, a crise da dívida se transformou em uma crise de governo.

O ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, já havia deixado o auditório do Banco Central durante o discurso de Husain, que, no entanto, disse que seu pronunciamento vinha ao encontro do ministro.

Um outro ponto abordado por Husain foi a conversão da dívida externa em investimento. Para ele, apesar de ser um mecanismo válido, tem um impacto muito limitado. Por esta razão, não vê outra saída para a recuperação e crescimento dos países endividados que não seja através da eficiência governamental e da abertura da economia para o comércio exterior, como fizeram a Tailândia, Formosa e outros países do Sul asiático. Para ele, uma política de crescimento baseada em empréstimos externos não é o mais viável.

O seminário sobre a dívida externa foi organizado pela Fundação do Terceiro Mundo para Estudos Económicos e Sociais com apoio da Universidade de Brasília. Do debate de ontem participaram o reitor da universidade, Cristóvão Buarque, o vice-presidente de Cuba, Carlos Rafael Rodrigues — que defendeu a necessidade dos empréstimos externos serem destinados aos países mais pobres, como os da África, com menos condições de saldar suas dívidas —, o ministro da Cultura, Celso Furtado, e outros economistas. No seminário de hoje, o presidente do Banco Mundial fará nova intervenção.